

DOR. E NADA MAIS.

Todo mundo já passou por alguma experiência dolorosa na vida: enfermidade, traição, rejeição, perda e por aí vai. Cada pessoa expressa sua dor de uma forma e ninguém pode julgar a dor alheia, afinal como bem diz o conhecido provérbio, “a maior dor é aquela que estamos sentindo.” Diante da dor percebemos a nossa humanidade com mais nitidez e a fé parece se tornar uma alternativa não apenas viável, mas insuperável. São nos momentos de maior dor que temos em geral as experiências mais intensas com Deus através da oração ou até da inquietude diante da falta de explicações razoáveis para o nosso sofrimento. A dor é capaz de abrir portas da alma – utilizando a expressão de Mark W. Baker. Por elas saem os gemidos mais íntimos e o descontentamento mais grosseiro. Em um momento de grande dor Jesus Cristo pronunciou palavras vindas do seu íntimo: “Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?” (Mateus 27:46). Frase estranha. Os teólogos têm escrito uma série de coisas sobre ela. Creio que nunca poderemos entendê-la teologicamente pois trata-se de um grito vindo de dentro, expressão que comprova a humanidade do filho de Deus. Jesus sentiu-se abandonado. Como pode? O filho de Deus sentir-se abandonado pelo Pai? Assim são os efeitos da dor: inexplicáveis. Por isso que cada um expressará sua dor de forma única e muitos terão reações mais fortes do que a maioria enquanto outros sofrerão a sua dor praticamente calados e no anonimato.

Um dos meus escritores favoritos- C. S. Lewis – escreveu o conhecido livro *O Problema do Sofrimento*. Alguns anos depois de escrever o livro ele passaria por um sofrimento tão grande que o levou a um período de grande perturbação emocional e espiritual. Lewis se apaixonou por uma poetisa, Joy Gresham, com quem desenvolveu um relacionamento genuinamente amoroso. Casaram-se e, passado pouco tempo, Joy faleceu tragicamente vítima de um câncer muito agressivo. As portas da alma de Lewis se abriram e ele despejou toda sua angústia em forma de um novo livro: *A Anatomia de uma dor: um luto observado*. Sua dor foi tão intensa que em alguns momentos o livro parece ter sido escrito por um incrédulo. Ele chega a dizer que levar sua dor até Deus foi como em vão pois só encontrou silêncio. C.S. Lewis perdera a fé? Não, ele apenas estava sofrendo. E sofrendo muito.

Deus não repreendeu Jesus na cruz. Poderia fazê-lo. À semelhança do que aconteceu por ocasião do batismo a voz divina poderia ser ouvida trazendo uma palavra de condenação sobre uma frase tão imprópria para o filho de Deus. Mas, o que pessoas que sofrem precisam? O Pai ficou em silêncio. Não há o que explicar ou corrigir. É hora de esperar o desfecho da experiência dolorida. Três dias depois o mesmo Cristo está vivo sem qualquer traço de ressentimento ou mágoa. A dor passou e deu lugar à novas experiências, a porta por onde saiu tanta dor agora está aberta para a entrada da esperança que chega à alma e inaugura um novo tempo. Agora é a hora da cura marcada pela superação e por seguir em frente levando as marcas do que se viveu.

Não podemos explica-la. Não podemos mensura-la. Não podemos ignora-la. E por vezes não conseguimos domina-la. O que fazer diante da dor?

Experimenta-la da forma que nos for mais correta de acordo com nossos valores e fé. E, se por sua intensidade, nos parecer faltar fé para enfrenta-la, que nos contentemos na esperança de que nosso Deus e Pai nos compreende e cuida de nós até quando não percebemos ou acreditamos. Que sua dor passe logo. E que um novo dia de alegria e paz inaugure um novo tempo em sua vida.

Guilherme de Amorim Ávilla Gimenez

prgimenez@prgimenez.net